

# **A vida em movimentos: a experiência de jovens negros de grupos culturais de Salvador.**

Umeru Bahia y Maria Gabriela Hita.

Cita:

Umeru Bahia y Maria Gabriela Hita (2013). *A vida em movimentos: a experiência de jovens negros de grupos culturais de Salvador*. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-038/80>

## **X Jornadas de Sociología de la UBA**

**20 años de pensar y repensar la sociología.**

**Nuevos desafíos académicos, científicos y políticos para el siglo XXI**

**1 al 6 de julio de 2013**

**Mesa 6 –**

**La ciudad desde los márgenes: actores, conflictos y acceso a la ciudad**

### **A vida em movimentos: a experiência de jovens negros de grupos culturais de Salvador**

**Umeru Bahia de Azevedo – UFBA (Universidade Federal da Bahia)  
Maria Gabriela Hita – UFBA (Universidade Federal da Bahia)**

Nosso artigo discute o papel das redes e laços sociais na formação da identidade de jovens negros envolvidos com ações e grupos culturais em um bairro popular da cidade de Salvador, uma metrópole regional afro-descendente. Buscamos compreender as ações e conexões destes jovens com diferentes pessoas e grupos a partir de uma análise etnográfica das ações. Os estudos da Escola de Manchester sobre Redes Sociais, particularmente, Mitchel (1969) e também Hannerz (1980) e pesquisas no campo da Antropologia Urbana, em especial Magnani (2002), foram inspiradores para se compreender as ações dos jovens do Bairro da Paz. A etnografia colaborou para que fosse possível desvendar as tramas de suas ações e as contribuições que davam às próprias identidades dos jovens. Os movimentos pela cidade eram seus movimentos pela vida pessoal também.

A cidade é um universo de distintas conexões entre pessoas, instituições e ações. Apesar de diversas questões e riscos sociais, uma metrópole como Salvador, apresenta em seu espaço questões sociológicas que merecem muita atenção. Grande parte da população é constituída por jovens negros expostos a vulnerabilidades sociais que obstruem e prejudicam o desenvolvimento de suas vidas pessoais. A vulnerabilidade exposta nos jornais, sobretudo em páginas policiais, ou em números sobre as condições precárias de vida e moradia na cidade, é um dado real e extremamente preocupante. A complexidade das relações nos espaços sociais de pobreza e outras

vulnerabilidades produz muitas formas de ação e constituição de identidades e o caso dos jovens é uma das possibilidades para o levantamento e análise de dados dos impactos das vulnerabilidades nas pessoas.

Salvador é a terceira cidade mais populosa do Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados pelo censo de 2010 e conta com cerca de 3 milhões de habitantes em sua Região Metropolitana (RMS). Apenas no centro do município, há cerca de 2.700.000 moradores e deste universo, aproximadamente 2.200.000 se auto-identificam como pretos para o censo do IBGE, ou seja, 80% da população. Números que colocam Salvador como a cidade com a maior concentração de população afro-descendente do país. O censo e análises apontam que desde 1991 há um aumento de pessoas que se auto-identificam como pretas. Processo explicado pelo próprio instituto como advindo da valorização da população e cultura negra que repercute em um aumento da auto-estima dessa população.

Esses números contrastam com a qualidade de vida dessas pessoas. Cerca de 900 mil moradores de Salvador moram em habitações em condições irregulares ou subnormais, conceito usado pelo IBGE para representar as favelas, palafitas, comunidades e invasões (ocupações de terras de terceiros). Ou seja, cerca de um terço da população de Salvador mora em condições muito precárias. A capital do Estado da Bahia ocupa o segundo lugar das capitais com mais habitações nestas condições.

Composta por cerca de 80% de população afro-descendente e com cerca de 33% das pessoas morando em condições muito precárias, Salvador lidera o ranking da maior desigualdade de renda entre brancos e pretos, segundo dados do IBGE. Brancos em Salvador ganham cerca de 3,2 vezes mais que pretos, liderando a lista das cidades com maior desigualdade neste tópico entre as cidades com mais de 500 mil habitantes.

O mapa da violência expressa também as contradições da cidade. Enquanto que São Paulo e Rio de Janeiro, os dois maiores centros urbanos do Brasil, assistem o declínio das mortes por arma de fogo (WAISELFSZ, 2013), Salvador convive com um aumento vertiginoso destes números. Apesar da fama mundo a fora do Rio de Janeiro, em Salvador, em termos quantitativos, se matou mais que a capital carioca em 2010 – e Salvador tem três vezes menos habitantes que o Rio de Janeiro. Em todo o mapa se constata que há um aumento no número de mortes por arma de fogo nas capitais e cidades do país. Quando a relação é feita com a população não branca (pretos, pardos, mulatos asiáticos, indígenas) temos em Salvador os incríveis 99% das mortes por “intervenções legais” policiais desta população e apenas 1% dos identificados como brancos (PAIM, 2008); estudo que aponta para a reconhecida mundialmente presença de grupos de extermínio na cidade.

Estes números não são novidades para os estudos urbanos de Salvador demais metrópoles pelo mundo, sobretudo em países com grande presença de população em condições de pobreza. Este contexto vulnerável da população negra na cidade se expressa nas condições de trabalho, renda e

estigmatização da maioria dos moradores da cidade. Parte da população negra em Salvador está exposta às diversas vulnerabilidades sociais e a conseqüente privação das capacidades e riscos ao modo de vida e acessos aos equipamentos e serviços da cidade (ABRAMOVAY, 2002; SOUSA, 2004), resultado de uma lógica sócio-histórica excludente. A segregação sócio-espacial é um grande obstáculo para uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento da população, porém há muito mais que privação e vulnerabilidade nestes espaços da cidade. O que nosso artigo tentará demonstrar é, mesmo nestas condições precárias, a formação de sujeitos e de complexas redes de relações. O contexto de vulnerabilidade social vai além destes dados alarmantes e está acompanhado de muitas outras realidades. A vida em um bairro popular não se reduz às precariedades de moradia. Há um cotidiano de luta, organização e fortalecimento de tradições culturais e desenvolvimento de modos de vida diferenciados em relação aos moradores mais favorecidos. O que este artigo busca é um olhar atento sobre as alternativas elaboradas dentro destes bairros feitas pelos próprios moradores em parceria atores externos. Mesmo que exista distância e segregação, diversos atores e interesses se voltam a estes bairros e espaços da cidade. A manutenção destas relações pode ser vital para a redução das vulnerabilidades, mesmo que seja para uma parcela pequena de seus moradores.

A questão neste trabalho é detalhar o cotidiano dessas ações, compreender como são feitos os contatos com importantes atores que trazem benefícios para o bairro e de que modo estes contatos são determinantes para a constituição da própria identidade destes jovens. Rede Social é uma categoria importante em nosso estudo, uma vez que é justamente nestas relações que os jovens elaboram seus esquemas identitários e o bairro recebe incrementos estruturais e simbólicos. A categoria central para compreendermos estes processos é trajeto. É exatamente através da mobilidade pelo espaço urbano que há a possibilidade de realização destas ações. É no movimento pela cidade que a rede se apresenta e se faz atuante.

O bairro que estamos dando o foco se chama Bairro da Paz, bairro de aproximadamente 60 mil habitantes e o quinto colocado na cidade em quantidade de habitações subnormais, as chamadas favelas e comunidades. Mas antes ele não se chamava assim. Este bairro surgiu nos primeiros anos da década de 1980, momento em que a Guerra das Malvinas ocupava as atenções da mídia mundial. E em Salvador, esta repercussão ajudou a dar o nome ao local onde estava havendo uma série de ocupações irregulares, chamadas na época de “invasões” e enfrentamentos com a polícia. A área do bairro é distante do centro histórico e razoavelmente próximo do centro financeiro da cidade, cerca de quinze quilômetros. O deslocamento do centro financeiro acompanhou a construção do Centro Administrativo da Bahia (CAB), favelizações e a especulação e movimento mobiliário. A ocupação do Bairro da Paz foi crítica pois estava no vetor de crescimento regular da cidade e de expansão do capital (DUCCINI e HITA, 2008). A persistência e resistência frente à violência policial foi resultado da organização comunitária, fortalecida pela Igreja Católica, movimentos sociais e partidos de esquerda. A fundação do

bairro se tornou um símbolo de luta pela moradia em Salvador (DUCCINI e HITA, 2007) e se tornou um recurso de união e solidariedade para o imaginário local. Este mito de fundação através da união e luta se tornou um poderoso recurso simbólico ao longo dos anos (GLADHILL e HITA, 2009).

A força da união popular do bairro é algo sempre mobilizado de diferentes maneiras e por variados sujeitos e contextos. Igrejas evangélicas, terreiros de candomblé, Igreja Católica, creches, artistas, empresários e lideranças locais e atores externos como secretarias do Estado, como a de Promoção da Igualdade Racial, movimentos negros e partidos políticos mobilizam esta idéia de união popular para seus próprios interesses. Notamos que não é apenas para interesses políticos que esta expressão é mobilizada, mas para ressaltar as iniciativas que atingem a coletividade de alguma forma. Os grupos e atores culturais se apropriaram deste recurso de modo particular e incorporaram esta simbologia coletiva em suas ações e identidades (HITA, 2012).

Existem cerca de seis grandes atores culturais no bairro, dentre estes há três grupos e dois atores individuais. Os grupos se chamam Universal, Planeta Favela, Etnia e temos ainda Marrom e Beirute<sup>1</sup>. Todos estes grupos e atores pessoais fizeram parte de cursos realizados pelo Centro Afro-Oriental (CEAO) da Universidade Federal Bahia (UFBA), pela União dos Negros pela Igualdade (UNEGRO), grupo do movimento negro e Centro Estudos Ação Social (CEAS) ligado à Igreja Católica. Estas três entidades contribuíram para a formação destes jovens e em seus discursos há muitas referências a estes cursos e anos de experiências nestas instituições. Partidos de esquerda como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) também contribuíram para a formação enquanto líderes comunitários e atores culturais através, sobretudo, do contato direto de alguns políticos com estes líderes; hoje em dia, alguns deles são assessores parlamentares, especialmente do PT. Apesar do contexto precário, a história e simbologia do Bairro da Paz causaram muita repercussão e atraiu muitos interesses, dentre estes, os da formação de lideranças comunitárias.

Os grupos e atores que iremos apresentar estão também envolvidos com as diversas mudanças relacionadas a trabalhos, casamentos, amigos e diversos outros papéis. A organização destes variados papéis não é fácil e uma metrópole é um lugar com muitos papéis e mudanças em relação a eles. Hannerz (1980) denominou estas mudanças e trânsitos entre papéis de “fluxo de vida”. Pelo breve espaço que temos neste artigo não nos atermos a estas mudanças, conflitos e transformações particulares em cada pessoa, em especial dos líderes culturais. Mas a idéia de fluxo de vida é interessante e aponta para uma diversidade de ações e movimentos pela cidade que uma pessoa faz diariamente. Seguiremos com a apresentação dos grupos e atores individuais.

---

<sup>1</sup> Todos os nomes são fictícios, tanto os nomes pessoais quanto os nomes dos grupos. Esta estratégia tem o objetivo de preservar suas identidades, uma vez que suas ações e a importância para a comunidade mereceriam um anonimato para se evite qualquer questão que envolva riscos às vidas destas pessoas.

O grupo Universal não existe mais. Este foi o primeiro grande grupo do bairro. Inicialmente era grupo de percussão que tocava ritmos diferentes, como o rap, o samba e o reggae. Depois, o Universal começou a formar várias crianças e jovens e o grupo inseriu a dança afro nos cursos e apresentações. Os membros do grupo estavam intimamente ligados ao candomblé e se inspiravam nesta religião de matriz africana em suas vestimentas, letras musicais e em suas atividades educativas. Através de seus contatos e movimentos feitos pela cidade em 'shows' e buscas de apoio, muitas pessoas e instituições na cidade se interessavam pelo grupo. Como tinham uma extensa rede pela cidade, tinham muitos contatos e abriram muitos canais e relações. Pessoas de fora do bairro passaram a ir ao Bairro da Paz para conhecer o Universal. Não havia um líder, eram seis artistas reunidos sem nenhuma liderança. O grupo durou oito anos e fez muitas apresentações, oficinas e participação em muitas ações políticas do bairro, às vezes como protagonista de algumas delas. O motivo do fim do grupo pode ser entendido, de acordo com os relatos, como uma combinação de dois fatores, sobretudo. Primeiro, as dificuldades reais de manter um projeto como este nas condições locais a que estavam expostos. Segundo, a questão da falta de organização do grupo, como mesmo contam. Este grupo foi uma espécie de berçário onde outros artistas, grupos e atores culturais se desenvolveram.

O Planeta Favela começou como grupo de rap poucos anos depois do Universal. Alguns membros do Universal optaram por se centrar mais no rap e no movimento hip-hop, criando assim o Planeta Favela. Com os anos, o grupo de rap se tornou ativo nas ações educativas com jovens e fizeram muitas oficinas e eventos culturais, tendendo ao Hip-Hop e às oficinas de poesia e escrita de letra de música. O Planeta Favela sempre esteve presente nas reuniões comunitárias e decisões coletivas. Com o tempo, Dão despontou como liderança comunitária, mas não deixou de ser rapper e nem um educador, como ele mesmo diz ser. O Planeta Favela atualmente é composto por quatro jovens adultos, dois jornalistas e Dão e sua esposa. Eles têm uma filha adolescente. Todos os integrantes deste grupo são do candomblé e Dão, especialmente, tem uma relação muito profunda com sua religiosidade. Dão e Mateus, um dos jornalistas do grupo, trabalham há quase cinco anos na assessoria parlamentar de um ascendente político negro da cidade. Dão, em especial, aspira ser um dos quadros e provável candidato nas próximas eleições. A participação artística deu espaço para as atuações políticas de seus membros, em especial Dão e Mateus.

O grupo cultural Etnia, formado e conduzido por Washington, um virtuose da percussão, é composto quase inteiramente de crianças e adolescentes. Com atuações constantes em teatros, eventos de secretarias, 'shows' e programas de televisão, o Etnia é o grupo mais atuante artisticamente do bairro. Culturalmente, Washington realiza oficinas semanais de percussão e dança afro, momento em que faz suas ações de formação e educação para o grupo, sempre valorizando a cultura negra. Washington é um representante cultural muito ativo no bairro. Ele é casado e tem três filhos pequenos. Hoje é Conselheiro da Juventude, com viagens mensais pelo país e Bahia. Ele já coordenou muitos projetos em teatros importantes da cidade, com aulas de percussão e dança afro e também em ONGs, escolas na Fundação Cultural do

Estado. Washington também já coordenou projetos em terreiros para a formação de alabês, responsáveis espirituais e artísticos dos instrumentos em festas e eventos dos terreiros. Projeto incluído na agenda de duas prefeituras do Estado, incluindo a da capital. O líder do Etnia é um devoto fervoroso do candomblé e sempre está cuidadosamente vestido e usando muitos adereços que demonstram sua relação íntima com a cultura negra e sua religiosidade. Enquanto grupo, o Etnia sempre esteve em sintonia com políticos de esquerda, tanto do PT e PC do B. Esta relação sempre traz benefícios para o grupo que recebe apoio para seus projetos na comunidade e fora dela. Washington tem amizade particular com alguns dos principais políticos negros da cidade e esta relação, antiga, sempre é mobilizada por ele como também pelos políticos. Isto faz parte da rede da cultura negra que todos eles estão intimamente ligados.

Marrom já esteve em grupos do bairro como o Universal, mas, se distanciou progressivamente dos projetos e ações locais, por volta do ano de 2007. A razão deste afastamento foi resultado das dificuldades de manter estes projetos no bairro, conflitos com outras lideranças e também a vontade de realizar seus projetos. Marrom, era DJ e sempre esteve muito envolvido com o Hip-Hop. Seus interesses com a comunicação social o levaram a dirigir o único programa de Hip-Hop de rádio em Salvador. Marrom é muito conhecido no meio cultural da cidade, figurando entre as personalidades com mais influência no Hip-Hop baiano. Como produtor cultural, realiza alguns eventos anuais de Hip-Hop em Salvador. Raramente ele colabora com as ações culturais no bairro e é pouco consultado também, apesar de já termos vistos o contrário, como será comentado a seguir. Mas todos os atores e grupos culturais sabem que podem contar com Marrom, porque apesar da distância, seus laços ainda são fortes com o bairro. A história dele poderia ser entendido como um caso de sucesso e de bom aproveitamento dos contatos e oportunidades. Como os demais, Marrom também é adepto do candomblé e se apresenta geralmente vestido com roupas, ornamentos e detalhes da cultura negra. Atualmente, o multimídia Marrom é assessor de outro político negro em ascensão na cidade. Como Dão, Marrom deseja ser um possível candidato pelo PT também. Esta relação com este partido tem dado muitas contribuições e ajudas em seus caminhos na vida.

Beirute não é mais atuante culturalmente no bairro. Adepto assíduo do candomblé, ele diz que sua religiosidade o ajudou muito neste processo de afastamento das ações culturais. Ele atribuiu esta distância às dificuldades que encontrou na vida, seja no casamento desfeito que te deu uma filha, o trabalho ou os obstáculos de manutenção de um grupo cultural. Beirute foi muito importante para o movimento cultural do bairro, muito por conta de sua capacidade de unir e agregar e, ao mesmo tempo, de motivar o público com suas falas críticas. Ele era rapper, letrista e produzia muitas atividades de formação e educação, bem como estava sempre presente nos protestos e, por diversas vezes, foi representante do bairro em encontros com o Estado. Hoje ele continua com o cargo de presidente da associação da Feira do Bairro da Paz, grupo que reúne feirantes e comerciantes do bairro, bem como pequenos agricultores. Esta é uma atividade que o liga ainda há alguma forma de ação coletiva. Sua relação com esta associação surgiu no começo dos anos 2000,

quando também fazia parte do Universal e ao mesmo tempo fazia comércio na feira com uma barraca. Seu afastamento o incomoda muito e são poucas as situações que se faz atuante nas atividades culturais, apesar de fazer contribuições importantes, como veremos a seguir. Em relação aos partidos políticos e movimentos negros, Beirute é membro da UNEGRO e ainda mantém um estreito contato com este grupo. Porém com os partidos, ele não estava muito disposto a eles e tão pouco para a assessoria de um político. Poderíamos dizer que Beirute não mobilizou com *expertise* a rede a seu favor.

Percebemos que o movimento cultural está em uma fase com menos atividades, ao menos em relação ao boom dos anos 2000. Em quase dez anos de pesquisa, constatamos que este momento de redução das atividades merece muita atenção. Isto não quer dizer enfraquecimento, pois mesmo que tenhamos uma redução das atividades culturais, os grupos e líderes atores remanescentes continuam agindo, só que mais em ações concentradas e muito na esfera política, particularmente. De certa forma, isto demonstra um caminho que foi construído desde o passado, ainda no começo dos anos 2000, quando passaram a ter atuação dentro do conselho dos moradores e foram incentivados e formados pelo CEAO, CEAS, UNEGRO e partidos de esquerda, como o PT e PC do B. Mesmo que o estado atual do movimento cultural local esteja reduzido a poucos atores, este pode ser um momento de latência e transformação também, inferir que o movimento acabou poder ser um erro grosseiro e que em nada contribui para a pesquisa. Estamos observando e acompanhando este longo processo de mudanças dos atores culturais no Bairro da Paz com muita atenção.

Os grupos culturais que estamos tratando neste artigo têm uma constituição particular. “Grupo cultural” é uma expressão elaborada pelos próprios grupos. O significado dado por eles é bem amplo e reunimos aquilo que todos comentam sobre o que seja um grupo desses. Grupo cultural, nesta definição, é um grupo artístico com ações que se estendem para o campo político e que se fundamentam em uma cultura ou defesa de uma. Sem que seja necessário definir o que seja arte, política e cultura, vamos nos apropriar do que estes próprios grupos falam sobre si mesmos. Nem todo grupo artístico é cultural e nem toda defesa de uma cultura feita por um grupo o faz ser cultural, segundo seus critérios. A ação política pode ter haver com a cultura, não apenas, como veremos, mas, nem toda ação política de um grupo faz com que este seja cultural. A ação política destes grupos culturais, por sua vez, não se limita a uma cultura específica. Notamos que grupo cultural exige um conceito bem amplo e que pode ter muitas problemáticas quanto a sua definição. A idéia de política destes grupos se dirige aos debates e ações no campo das questões raciais de gênero, trabalho, religiosas, ambientais e interesse coletivo do bairro, chamados por eles de interesses comunitários. Grupo cultural é um grupo artístico e de ação política, conduzido por uma liderança que coordena o grupo.

Ao todo no Bairro da Paz existem cerca de 40 grupos artísticos. Sendo que destes, aproximadamente, cinco se auto-intitulam culturais, segundo suas classificações, como vimos acima. Existem grupos culturais praticamente desde a legalização do bairro, na década de 1990 mas não conseguiram se manter e chegar aos anos 2000. Os grupos atuais foram formados nos anos

2000. Hoje os grupos são liderados por jovens adultos homens de cerca de trinta anos. Geralmente, os grupos são liderados por uma pessoa, o fundador, mas sempre têm outros que, da mesma idade, são representantes também. Os demais do grupo compreendem desde crianças, adolescentes ou pessoas que não podem mais ser chamadas de jovens, com cerca de 40 ou mais anos, incluindo até pessoas com idades mais avançadas como, 60 ou 70 anos. Ou seja, os grupos culturais têm um desenho de composição etária bem complexa. As lideranças são todas compostas por homens e a participação das mulheres está mais concentrada no Etnia, com crianças e adolescentes.

Os grupos culturais do Bairro da Paz agem de muitas formas. Apresentações artísticas são as formas mais usadas e são bem variadas. Estes grupos não se limitam a um tipo de arte, mas cruzam as possibilidades do fazer artístico também, como a música com a dança, o teatro e o vídeo. As apresentações musicais misturam estilos, seja de rap, de percussão, samba ou reggae. Notamos que são estilos musicais com raízes africanas bem claras e também que geralmente expressam esta raiz com orgulho e contam sobre o cotidiano das populações negras e em contexto de pobreza e marginalidade. Não constatamos grupos culturais locais de rock, pop e MPB que também possuem suas raízes africanas bem marcantes, mas que possuem pouca expressão de artistas negros que cantam sobre a população negra, uma característica bastante presente nos estilos anteriores.

A combinação das artes é uma marca destes grupos. É comum haver uma apresentação de rap, em que se toca, samba e há uma encenação teatral por exemplo. Os discursos presentes nas letras e nos diálogos com o público são constituídos por fortes idéias e expressões políticas sobre a valorização da cultura negra, crítica à repressão policial ou à discriminação racial e da mulher. Estas combinações livres de estilos artísticos e dos discursos são marcantes nestes grupos.

Outra forma de atuarem é através de atividades de formação e educação, como eles mesmos falam. Este grupo de ações são as palestras, oficinas, seminários e debates promovidos para o público do bairro e geralmente estão dirigidos às questões levantadas anteriormente, como as raciais, de gênero, de trabalho, por exemplo. Na maioria das vezes, estas atividades educativas se voltam às crianças e jovens e são feitas nas escolas do bairro através da parceria com as respectivas direções escolares. Este tipo de ação é muito bem vista pela comunidade. Muitas crianças e jovens têm nestes grupos possibilidades reais de não serem cooptadas pelo tráfico local e muitos realmente puderam sair sem serem reprimidos pelo crime local, como geralmente se é feito. Além desta dimensão social, a dimensão cultural fortalece a identidade e auto-estima desses jovens que além de terem sua cor de pele valorizada aprendem e internalizam muitos discursos e práticas de uma cultura que antes era vista apenas em seus pais, avós e pessoas mais velhas que eles. Este retorno à cultura tradicional é dada pela valorização da comida, roupa, relação com a natureza, com o bairro, com a arte, religiosidade e com a própria história da sociedade. Por conta dessas atividades, os grupos culturais receberam aprovação geral do bairro e ganharam notoriedade. Processos que

facilitaram a condição de representantes comunitários que desfrutam atualmente.

As lideranças dos grupos culturais atuam politicamente dentro e fora da comunidade como em reuniões, encontros e eventos do poder público com a comunidade. Estes líderes, ou são convidados como representantes locais, uma face bem comum a estes grupos, ou estão presentes como público, mas sempre se demonstram atuantes por meio de suas falas e propostas. Estes grupos atuam fora do bairro também, em conselhos de cultura e juventude e em grupos de trabalho diversos como os de meio ambiente, comunicação, novas tecnologias, sobre questões raciais, liberdade (tolerância) religiosa e de educação, por exemplo. Em todas estas participações, questões políticas e culturais estão sempre em voga e são como bandeiras destes grupos; onde quer que estejam levantam estas questões.

Os protestos de rua e sua variação especial, o “fechar a paralela”, o ato de bloquear uma das mais importantes avenidas da cidade, avenida do vetor de especulação imobiliária com mais investimento, projetos e polêmicas e que faz fronteira com o bairro. O Bairro da Paz está entre a Avenida Paralela, condomínios de luxo (construídos há cerca 10 anos) e outro bairro popular. A Paralela é a mais importante via de ligação do centro da cidade, seja o financeiro ou histórico, com o litoral norte, zona de crescimento vertiginoso de condomínios, empreendimentos comerciais que segue para Lauro de Freitas, cidade que faz parte da Região Metropolitana de Salvador (RMS) e que comporta um número significativo dos dirigentes empresariais e famílias mais ricas da RMS (CARVALHO e PEREIRA, 2008). Portanto, a Paralela é por onde parte dos moradores da nova classe média alta e parte dos moradores das classes ricas trafegam todos os dias para suas residências. “Fechar a Paralela” causa um transtorno terrível para o trânsito, uma via já congestionada nos horários de pico. O bloqueio da Paralela sempre causa um efeito midiático instantâneo e afeta a mobilidade de uma quantidade muito grande de pessoas. Na Paralela e proximidades, existem duas grandes estações de ônibus importantes, além bairros populares muito populosos. Ou seja, não apenas pessoas de classes mais favorecidas transitam nesta via, mas muitas pessoas que em veículos particulares ou coletivos se dirigem a suas casas nos bairros populares próximos. Este bloqueio está em um lugar crucial e importante para as mídias.

O ato de “fechar a Paralela” é sempre feito com muita participação popular. Geralmente, uma liderança comunitária mais velha que os dos grupos culturais organiza um encontro de lideranças, religiosas, dos centros de educação, de saúde, esportistas e culturais e estas repassam as direções, objetivos e datas para outros encontros e também para o momento do bloqueio. Os grupos culturais, sempre presentes em todo o processo, já possuem um grande leque de seguidores, apoiadores e simpatizantes, muito por conta da sempre bem vistas e quistas ações educativas. No momento do bloqueio, eles sempre levam muita arte, cores e performances para o protesto. E fazem isso, desde o bairro até a avenida, como uma forma de mobilizar as pessoas para a manifestação. O momento do bloqueio é tenso e confrontos com a polícia podem ocorrer. Alguns desses líderes sempre são representantes na hora que

porta-vozes do Estado aparecem para negociar. De fato, os grupos culturais têm uma grande presença não só nos protestos, mas decisões feitas para o bairro como um todo.

Existem muitas razões para que se bloqueie a Paralela. Os motivos mais usuais ao longo do tempo de pesquisa foram as seguintes: morte de inocentes em “intervenções legais da polícia”; não cumprimento de um acordo selado com o Estado; denúncia de descaso com equipamentos públicos, como escolas, pavimentação, contenção de encostas ou transporte; e protestos contra decisões sem participação ou aprovação popular, como o caso das mudanças estruturais projetadas para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, em que Salvador é cidade sede. Estes foram os motivos das manifestações registradas pela pesquisa.

Os grupos culturais trazidos aqui, portanto, têm quatro formas básicas de ação. A primeira compreende suas apresentações artísticas. A segunda forma de ação são as atividades de formação ou educativas. A terceira representa todos os contatos com o poder público onde se expressam e se fazem representantes comunitários. A quarta forma básica de ação reúne todas as outras, criando um modo de ação particular. Os protestos na rua são momentos onde todas as ações se reúnem, mas, jamais é dito por estes grupos como sendo o ápice de suas ações ou como sendo um tipo de ação total ou por excelência. Devemos ter atenção quanto a isso. Para eles não é a ação mais importante.

Estes são as quatro ações básicas dos grupos culturais. Levamos tempo até compreendermos estas quatro ações fundamentais e necessitamos de um recurso metodológico importante. A etnografia se mostrou um instrumento adequado para captarmos as peculiaridades das ações destes grupos e jovens. Acompanhar suas ações de perto foi importante, mas, mais que isso, foi perceber que seus intensos movimentos pelo bairro e cidade tinham muito mais a contribuir para a pesquisa do que estar no momento de suas ações propriamente dito. Perceber que o ir e vir da casa de seus amigos e colegas de trabalho, as viagens de ônibus e carro pela cidade ao encontro de parceiros para seus projetos e também os trânsitos entre instituições diversas fez com que a categoria trajeto pudesse ser incorporada e refletida à pesquisa.

O momento de realização de suas atividades era importante para ver a extensão e realização de seus projetos. Mas, o momento quando um grupo estava na escola fazendo uma palestra e uma oficina, ocultava todas as ações anteriores que levaram à realização do evento. O dia da apresentação era onde se percebia os discursos e impactos sobre a comunidade e, também, o reconhecimento dela. Acompanhar as ações anteriores passou a ser de importância fundamental. Era nestes grupos de ações que suas redes sociais, que seus contatos e parceiros apareciam. Observar como eles conseguiam, mesmo com poucos recursos, fazer diversas atividades, foi um passo essencial para termos em suas conexões pessoais uma base estrutural para seus projetos. E eles faziam estes contatos através de percursos e movimentos.

Bairro e cidade eram apenas espaços onde uma rede imensa de contatos poderia ser mobilizada.

Nas próximas páginas vamos a alguns eventos que foram cruciais para a pesquisa e que se adequam bem a este breve trabalho. Nestes eventos trazidos aqui, veremos como as categorias centrais, Rede Social e Trajeto, foram fundamentais para as análises dos dados etnográficos levantados em campo.

A equipe de pesquisa já tinha alguns anos de campo, cerca de cinco anos, quando o fato que será relatado aconteceu, ocorrido em 2008. Cheguei ao bairro em uma manhã nublada de outono depois de uma viagem de ônibus que durou uma hora, aproximadamente, da minha casa, bairro na zona central da cidade até o Bairro da Paz. O objetivo era encontrar alguns líderes dos grupos culturais que se aprontavam para fazer um evento na escola municipal do bairro. Existem duas escolas municipais e uma escola estadual no local. Eram três líderes de grupos culturais. Washington, percussionista virtuoso de um grupo de percussão e dança afro do Etnia. Dão, rapper do grupo de rap Planeta Favela. E o outro era Tito, percussionista também, mas do grupo Universal. Eu já sabia, por conta de uma conversa com Tito, que eles iam organizar uma oficina de elaboração de músicas de rap e também iriam fazer uma palestra sobre racismo e valorização da cultura negra. Este projeto, inteiramente feito por eles, estava escrito no papel e contava com o aval da escola. A diretora da escola municipal era muito simpaticante dos grupos culturais do bairro; ela não morava no bairro. Segundo ela, a união do local tinha que ser preservada.

Para realizar a oficina, os três líderes tinham que escrever um breve projeto sobre a atividade e conseguir a liberação da secretaria de educação para que fosse liberado o uso da escola em horário não convencional, era um sábado, para realizar a ação. Eles também precisavam de equipamentos não disponíveis na escola, como caixas de som, microfones e uma mesa de som que foi emprestado por um amigo, dono de um bar. Este parceiro tocava com eles de vez em quando, mas não iria participar desta atividade. Apesar de ser restrito para os jovens matriculados naquela escola, o projeto contava com a divulgação via rádio comunitária.

Tanto para fazer o contato com a escola, como com o parceiro do som e a rádio, eu pude acompanhar. Os trânsitos pelo bairro eram intensos. Somente no bairro, muita coisa poderia ser obtida para seus projetos. Mas necessitava de que os laços tivessem uma qualidade que permitisse que estes favores ocorressem. Eram anos de experiência em conjunto e, como Mitchel (1969) observou, a conexão que permite trocas favoráveis necessita de investimento e não tanto de uma frequência, mas sim de uma conectividade particular, afetiva, amigável, minimamente. Apesar de se verem muito pouco, a relação de Washington, Dão e Tito com o dono do bar e com a diretora da escola era sempre boa e tinha uma conotação positiva por ser para a realização de atividades culturais com jovens, algo geralmente bem visto na comunidade.

Mesmo que não fossem amigos ou parentes e mesmo que seja uma relação utilitarista e objetiva, tanto o dono do bar quanto a diretora não se incomodavam de serem apenas procurados quando os grupos culturais precisassem do espaço da escola ou dos aparelhos de som. Os grupos culturais locais usavam o espaço da escola quase semanalmente até por volta de 2008. Esta frequência contribuiu também para a parceria e relação entre a diretora e os grupos, mas foi sobretudo a qualidade desse laço e às trocas de afinidades, conversas e informações interessantes e importantes que fortaleceram esta relação. Em muitos momentos, especialmente com a diretora, havia muita confiança até para ser feitas revelações sobre os conflitos políticos e relacionais no bairro. As revelações são importantes para uma relação, é um sinal de confiança e empatia também (HANNERZ, 1980). Mesmo como pessoa de fora, esta diretora estava bastante inserida nas problemáticas do bairro. O peso destas revelações era importante para a relação com os atores dos grupos culturais, sobretudo Washington, Dão e Beirute, que estavam mais envolvidos com a escola.

Outra necessidade para este evento na escola era a de chamar convidados. E para se convidar as pessoas era necessário circular pela cidade. A categoria trajeto de Magnani (2002) se tornou fundamental. Os trajetos aos convidados evidenciavam rotas freqüentes e intensas dos líderes. Quando eram conhecidos, esses novos caminhos tinham todo um aparato de outras referências e indicações. Fui ao encontro de um desses convidados com o agitado e falador Washington, homem negro, magro, mas musculoso, sempre muito gentil, extremamente politizado e religioso (do candomblé). Demoramos quase uma hora de uma viagem de ida de dois ônibus para andar pouco mais de dez quilômetros. Tempo para muita conversa e saber muitas coisas de sua vida que pelo espaço deste artigo não poderei relatar. Chegamos ao Centro Administrativo da Bahia (CAB) para encontrarmos uma importante secretária. Mulher negra, com mais de 40 anos, olhar firme, fala poderosa porém agregadora. Uma pessoa muito simpática apesar de sua postura forte e vibrante, ajudada ainda pela sempre impecável roupa de tecidos afros, coloridos com desenhos geométricos. Apesar do tempo levado, o encontro foi rápido devido a seu compromisso em outro lugar da cidade. Mas, a conversa entre os dois foi tão íntima em que referências religiosas compunham um clima bastante espiritual. Falavam-se como fossem amigos de muito tempo, mas não eram. Esta intensidade se dava pelas referências compartilhadas e identidades muito próximas, apesar das distâncias de trabalho, renda e status dos dois. A secretária se referia a Washington como um irmão espiritual e que sua presença no dia do evento seria tanto como secretária e também enquanto militante da cultura negra. Posteriormente, entendi que a ação poderia estar no calendário de visitas a bairros e nas agendas de projetos apoiados e observados da prefeitura e respectiva secretaria (Relações Institucionais). Ou seja, todo o repertório de conteúdos e linguagens se tornou um canal mais fácil e rápido de comunicação (MITCHEL, 1969). Este fluxo era fruto do investimento dos dois e, no momento do contato, a troca dos mesmos códigos identitários facilitou completamente a formação da parceria, incluindo não apenas os aspectos religiosos e políticos em voga, mas a própria possibilidade do convite se tornar uma visita oficial que fortaleceria a conexão, a troca de

informações e recursos e a abertura de outros canais, como mais tarde se tornou fundamental.

Outros secretários foram chamados e representantes de movimentos negros, artistas e membros das rádios parceiras. Em cada contato pude estar presente e foi possível entender que a disponibilidade de cada um era oriunda de um contato prévio e uma história anterior (HANNERZ, 1980). Um dos convidados foi um canal aberto pela secretária acima, ou seja, a indicação é importante e representa uma densidade, intensidade e conectividade específica da rede (MITCHEL, 1969). Perceber que a secretaria era uma pessoa muito importante tanto para os grupos do Bairro da Paz quanto para outras pessoas, permitiu que uma rede inteira e imensa fosse estendida pela cidade, ligando pontos afastados, pessoas diferentes e interesses similares. O conteúdo em fluxo pela rede, expressos na conversa com a secretária, correspondia uma possibilidade real de parceria e fortalecimento do laço.

A própria relação entre Washington, Dão e Tito já constituía uma complexidade difícil de ser entendida. Entre os dois primeiro havia um estranhamento antigo e uma indisposição. Ouvir um falar do outro, era ouvir falar mal ou com aspereza do outro. O que fazia com que estivessem juntos? Foi com uma conversa no dia do evento com Tito que eu entendi o que ligava duas pessoas que se estranhavam o tempo todo. Não era apenas o interesse em comum pelas ações culturais ou a idéia de que dois são mais forte que um (como comentou Tito), mas um laço forte de fato entre os dois. O laço forte expressa uma vivência e uma proximidade, algo muito perto entre a intimidade e a identidade. Este laço, no caso dos dois líderes culturais, era fortalecido por muitos anos de convivência, amigos em comum e interesses similares. Lembrando de Granovetter (1973), o laço forte é responsável por uma troca fundamental para duas pessoas e pode ser para a rede inteira também e eles sabiam disso. Sondando a questão com Dão, percebi que sua fala não correspondia exatamente com o que ele pudesse sentir. Encontrar estes discursos ocultos, o não dito, era uma tarefa que eu tinha que lidar o tempo todo em campo. Havia um conflito entre os líderes e uma competitividade, mas havia uma sintonia e compartilhamento obscuro que só a convivência com eles seria possível revelar. Eram parceiros de trabalho e militância. Eram ambos representantes do bairro também. Não podiam se evitar, ou não tinham todas as disposições para isso. Não eram amigos certamente, mas parceiros e pessoais centrais da mesma rede.

O evento ocorreu com suas atividades, público e convidados. Não era nada grandioso, pelo contrário algo pequeno, dentro de uma sala não muito grande, com os jovens sentados no chão e cadeiras e água para os visitantes. Fazia calor e os ventiladores faziam mais barulho do que vento. Os jovens ficaram muito entusiasmados de produzirem músicas e poderem cantar com bases feitas por Dão e os instrumentos percussivos. Houve palestras e bate-pappos com os convidados. Os jovens estava muito interessados assim como os convidados, todos figuras conhecidas na cidade, verdadeiras personalidades de Salvador e da cultura negra local. Todos somaram agradecimentos pelas presenças e havia naquilo tudo um valor para suas auto-estimas. A importância deste evento ajudou a fortalecer certos laços e canais foram abertos também.

Este foi um dos diversos eventos que estivemos presentes na pesquisa. Viver o antes e depois dele foi importante demasiadamente para desenharmos a rede, os pontos, os nós e sua extensão. A densidade foi medida e entendemos que a quantidade de conexões dá uma noção da força dos laços, mas, nem tanto, quanto a qualidade e grau dessas conexões.

A escola municipal era um lugar muito importante. Era neste local que muitas atividades dos grupos culturais ocorriam. A escola representava um ponto importante na rede. A diretora não era exatamente uma pessoa que poderia fazer outras conexões dentro da rede, mas sua posição era fundamental para que os grupos do bairro pudessem ancorar suas ações e conectar seus pontos. A escola municipal estava envolvida com a rede através dos líderes.

Tal como a escola, o CAB era outro local comumente visitado pelos grupos culturais, inclusive como espaço de apresentação em eventos do Estado. Estes pontos, aparentemente desconexos, estavam intimamente ligados. Tanto um quanto o outro eram espaços reapropriados e ressignificados pelos grupos culturais. Como pontos em um mapa, apesar de afastados quanto suas funções e distâncias, compartilhavam caminhos e trajetos que os conectavam íntima e essencialmente. Mas que um simples mapa onde os pontos estão espalhados num plano, era um verdadeiro circuito com direções precisas, medidas e de certa forma regulares. A noção de circuito (MAGNANI, 2002) é inspiradora pois, apesar dos circuitos dos jovens negros dos grupos culturais do Bairro da Paz terem muitos caminhos, estavam quase todos conectados intimamente para funcionar em torno das suas ações culturais. Havia uma regularidade em suas idas e vindas, demos apenas dois pontos, o CAB e a escola, mas muitos outros estavam apresentados e desenhados no mapa, ou melhor, no circuito destes jovens.

Se o evento na escola municipal foi suficiente para compreendermos como são feitas as conexões e o que elas podem resultar para o atores e grupos culturais, o próximo fato contribuiu ainda mais para elucidar a força dos laços internos e externos ao bairro. Sejam laços fortes ou fracos (GRANOVETTER, 1973), próximos ou distantes, mais ou menos intensos, os laços são fundamentais para a manutenção de seus projetos e também para suas próprias identidades que se fortalecem e se desenvolvem nos contatos, trocas de informações e no reconhecimento do trabalho comunitário realizado.

Em 2011 houve um grande evento cultural no bairro. Diversos grupos artísticos se apresentaram e a organização contou com todos os atores e grupos culturais. Muitos convidados de fora do bairro foram chamados e importantes artistas, militantes, políticos e produtores culturais estiveram presentes. Um evento que festejava o dia 20 de Novembro, morte do maior herói negro do país, Zumbi dos Palmares, também chamado de dia da Consciência Negra. Muita gente compareceu a este pequeno festival das artes do bairro. Dança afro, teatro, muita música e discursos fortes marcaram o evento. Com uma duração de cerca de 4 horas, em um palco bem grande no meio de uma das ruas de acesso ao bairro, o evento contou com a colaboração de diferentes contatos. Os grupos culturais, sobretudo o Planeta Favela, ex-membros do Universal e mais um grupo de samba estiveram à frente da organização.

O palco foi cedido por um empresário rico que tem muitos terrenos no bairro, uma ONG que fechou recentemente e ele cedeu um grande espaço para a Rádio e um centro comunitário. Este empresário financia grupos artísticos e sempre colabora com os grupos culturais. O empresário era morador do bairro, mas decidiu sair por conta da violência, segundo ele. Sempre com uma expressão carrancuda e desconfiada, este homem alto e corpulento, negro, em nada se identifica com a política, religião ou mesmo a cultura. É apenas um facilitador, como gosta de dizer. De fala firme, ponderada, jamais comete deslizes ou excessos. Avesso a orações longas e frases de efeito, o empresário é um ponto de muita importância para os grupos culturais. Na rede, ocupa espaço essencial, apesar de não ser um nó, pois ele teria poucos contatos para oferecer e, na rede da cultura negra, está apenas ligado através dos grupos culturais. Mas, para estes, seu apoio é fundamental.

O empresário, suspeitam os grupos culturais sem ter uma real certeza, tinha ligação com organizações criminosas locais e seu jeito sempre desconfiado e de poucas palavras, poderia ser um sinal destas ligações perigosas. A questão com o crime é delicada. Sabemos isso há muito tempo que os grupos culturais, em especial o Planeta Favela recebia apoio de um grupo do tráfico local. Isto não um fator que comprometa o grupo e nem o faça leal à facção criminosa. Um dos chefes do tráfico local é amigo de infância muito íntimo de Dão e sua relação vai além desta condição de ser ou não criminoso. O grupo ilegal coordena uma grande casa de espetáculos e este local foi cedido várias vezes para “shows” do Planeta Favela e para suas oficinas para crianças e jovens. Este amigo é ponto importante também na rede dos grupos culturais e o bar está no circuito destes jovens negros também (MAGNANI, 2002). O bar é um ponto importante também; está inserido no circuito dos movimentos destes jovens, em especial de Dão.

Dias antes do evento, pude acompanhar alguns movimentos dos líderes pelo bairro e pela cidade para se buscar apoios diversos para a realização do evento. Inicialmente, segui os caminhos de Beirute. Apesar de seu distanciamento, ele foi convocado para colaborar. O convite veio de Dinho do Universal. Sabendo que Beirute tem um bom trânsito entre os políticos negros da cidade, ele foi enviado ao encontro de dois deles. Acompanhei ele em uma desses caminhos. Quase duas horas de viagem, dois ônibus e muitas conversas esclarecedoras sobre como estava a relação com os demais atores e grupos culturais do bairro, chegamos no centro histórico. Lá encontramos um dos mais importantes políticos negros da cidade (do PT); um outro que não é nem o de Marrom e nem o de Dão, mas, muito provavelmente mais importante que os dois. Recebido como um parente, com troca de beijos na mão de um e de outro, próprio entre adeptos do candomblé, Beirute e este político iniciaram uma conversa que demoraria mais de uma hora. Eu fui apresentado como um amigo que estava colaborando com o evento, fato que não desmenti, mas que também não era verdade, foi apenas uma simpática referência à minha pessoa.

Resolvido que ele daria uma colaboração em dinheiro para o evento, dado inclusive na mesma hora, seguimos, para Pelourinho, centro histórico da cidade. Lá Beirute ia fazer uma trança em seu volumoso Black Power. Beirute é

um homem alto, magro, de expressão honesta, sorridente e está sempre impecavelmente vestido. Diferente de Dão, Marrom, Washington, mas como os ex-membros da Universal, Beirute não está sempre de batas, prefere um estilo mais Hip-Hop, com grande tênis, calças largas, mas ao invés de camisas largas anda geralmente com camisas mais justas no corpo. Considerado um homem bonito e atraente por muitas mulheres, Beirute é um verdadeiro cavalheiro. Contudo, quando em ação, nas atividades educativas, 'shows' e eventos de participação política e com o Estado, sua fala é dura, crítica e afiada.

Ao chegar na trançadeira, Beirute foi logo recebido com muito carinho. Ela é uma mulher negra de estatura mediana, corpulenta de presença muito forte, sempre muito bem paramentada com tecidos belíssimos, coloridos e muito bem arrumados. Ela é produtora cultural também e tem um trânsito muito fácil entre os alto-escalões da política e arte da cidade. Uma pessoa muito conhecida, reconhecida e importante para a cidade, sobretudo para os grupos culturais em questão. Ela é próxima da maioria dos atores culturais do Bairro da Paz, em especial Washington. A trançadeira é um nó de rede da cultura negra da cidade. Muitos contatos estão ligados a ela e muitos caminhos podem ser feitos. Respeitada por políticos, empresários, mídia, religiosos e artistas, esta trançadeira demonstrou porque é um nó e seu ateliê um ponto importante nos circuitos destes jovens negros. Ela estava trançando os longos cabelos de Beirute quando uma outra mulher, só que branca, entrou no local. Cumprimentavam-se amavelmente. Pareciam muito amigas. Ela logo foi apresentada para Beirute. Sabendo do evento no bairro, a mulher branca, uma das pessoas mais importantes da rede de televisão pública do Estado, se sensibilizou com a idéia e disse que iria conseguir apoio de mídia e foi isto que aconteceu.

Esta mulher, de ascendência alemã, como viemos a descobrir no meio da conversa, de cerca de 50 anos, bem magra, com roupas despojadas e olhar amigável, não era um contato de Beirute. Mas conhecia Marrom. Sabendo que era do Bairro da Paz, ela logo perguntou por Marrom. Isto facilitou a conversa. Quando soube que o evento era sobre o dia da Consciência Negra, ela comentou que a TVE (Rede de Televisão Educadora, do Estado da Bahia) tinha um projeto de mostrar os eventos dessa comemoração. Logo, o evento do Bairro da Paz, poderei ser enquadrado nesta agenda. Na linguagem dos estudos de Rede Social, poderíamos dizer que ela era um laço fraco em relação a Beirute (GRANOVETTER, 1973), um ponto afastado, com pouca intimidade e convívio com Beirute. Porém, em relação a Marrom era um laço forte, mesmo que sejam amigos, eram parceiros de profissão e tinham reconhecimento um pelo outro, uma consideração mútua (HANNERZ, 1980). A conexão feita pela trançadeira, demonstra o poder dos laços, da rede e do próprio trajeto. Se Beirute não tivesse se disposto a fazer estes percursos nada disso teria ocorrido. E mais, como observou Magnani (2002), o trajeto não é apenas um caminho, é mais que isso, é a ação de percorrer pontos em um circuito de espaços, pessoas e informações específicas e próprios do grupo. Nos circuitos, há pontos de encontros surpresas e onde importantes contatos e informações podem ocorrer. Magnani (2002) denomina "mancha" este espaço de múltiplos circuitos e contatos diferentes. Espaço onde diferentes circuitos se

cruzam e pessoas de grupos diferentes se encontram – o ateliê da trançadeira tem essas características, como acabamos de ver.

A noção de mancha é bem poderosa para nossa análise. Vejamos que mesmo que a escola possa ser considerada uma mancha também, em nossa análise ela não poderia ser definida assim. A mancha é um espaço onde há o encontro de circuitos diferentes e que encontros, como os relatados logo acima no ateliê, podem ocorrer. O ateliê é dotado de muitos circuitos. Muitas pessoas passam por lá todos os dias e pessoas de grupos e circuitos diferentes. O caso que contamos exemplifica isso. Mancha, como o nome mesmo define é um borrão de movimentos e uma coisa difusa. O próprio CAB é uma mancha. Como define Magnani (2002), a mancha, como os circuitos, devem ter um ponto de referência – se é circuito, é circuito para um grupo. Hannerz (1980) lembra-nos que nos estudos de rede teremos, como pesquisadores, definir qual é o ponto de ancoragem, de onde é que partimos para observamos as conexões e relações. O CAB é um ponto de confluência de muitos circuitos diferentes e os encontros surpresas podem ocorrer também. O ateliê é uma mancha tal como o CAB. Para nós da pesquisa, sempre que estamos nestes locais, podemos esperar muitos encontros surpresas e observar o intenso movimento de pessoas diferentes.

O evento ocorreu com algumas dificuldades impressas pela chuva fina que caiu no dia. Marrom foi muito importante para que este e outros contatos pudessem estar próximos, como o cinegrafista que gravou e fez um excelente vídeo de divulgação. Este cinegrafista, ele próprio um ponto afastado da rede dos grupos culturais foi apresentado por mim mesmo a eles, há anos atrás. Ele se tornou uma pessoa muito próxima para Marrom. Marrom trouxe também um cantor muito conhecido da cidade que fez o público dançar e vibrar muito com suas músicas. Mesmo afastados, tanto Beirute quanto Marrom foram fundamentais para a realização deste evento. Washington, junto com Tito e Dinho e outros ex-membros da Universal foram muito participativos e produziram os instrumentos percussivos semanas antes com crianças e jovens do bairro em uma série de oficinas. Dão e seus companheiros do Planeta Favela organizaram o evento e ficaram na produção dele. Geralmente com letras críticas, reflexivas e de valorização da cultura negra, este dia foi especial para o bairro, sobretudo para os grupos culturais. O símbolo da união do bairro foi muitas vezes mobilizado e expresso no dia. Marcando uma data de luta e reconhecimento, estes jovens e seus grupos experimentaram mais uma vez a força dos laços, o poder das redes e importância dos movimentos pela cidade.

A vida não mudou em termos objetivos, nem naquele dia e nem depois, ao menos em termos quantitativos. Este foi apenas mais um dia dentre tantos de atividades no bairro durante todos os anos de pesquisa. Por falta de espaço, dezenas de outros eventos, atividades, experiências e relatos ficaram de fora de nosso artigo. Mas, pudemos apresentar sinteticamente alguns resultados de nossa pesquisa e de como observar, requer muita atenção e um esforço etnográfico muito preciso.

Vimos que o processo de constituição das lideranças começou muito tempo antes dos relatos trazidos, revelando que o elemento tempo, especificamente,

a temporalidade das ações, é um fator importante para nossa análise. Não apenas no processo de formação das identidades destes jovens. Mas nos trajetos e contatos estavam também inseridos em lógicas temporais próprias. Os percursos pela cidade são intensos e acompanhar de perto e de dentro estas ações permitiu que muitas informações pudessem ser prospectadas e levadas para análise. Sem estas condições de longo tempo nos ônibus, algumas informações se perderiam. Para eles era um ponto de confiança o fato de estarmos acompanhando seus trajetos pela cidade, agüentando o cotidiano da mobilidade problemática pela cidade. A etnografia se mostrou essencial, bem como estar atento para as possibilidades de coletar informações antes dos eventos e não apenas no momento de sua realização. Esta estratégia se mostrou eficaz para podermos entender as conexões e como os atores e grupos culturais buscavam seus contatos.

## Referência

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafio para políticas públicas** / Miriam Abramovay et alii. - Brasília: UNESCO, BID, 2002.

CARVALHO, I.M.M; PEREIRA, G.C.. **Como Anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Org: CARVALHO, I.M.M; PEREIRA, G.C., Salvador: Edufba, 2008.

DUCCINI, Luciana; HITA, Maria G.. Famílias e redes religiosas na configuração de bairros populares na cidade de Salvador. Paper apresentado no GT 01 “A Cidade nas C.Sociais, teoria, pesquisa e contexto” do XXXII Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, 2008.

DUCCINI, Luciana; HITA, Maria G.. Da guerra à paz: o surgimento de um ator social na “nova pobreza” urbana de Salvador da Bahia. In: IVO, Anete B. (org.). Caderno CRH, vol. 5, n. 50. Salvador: Editora EDUFBA 2007.

GLEDHILL, John e HITA, Maria. G. (2009). New Actors, New Political Spaces, Same Divided City? Reflections on Poverty and the Politics of Urban Development in Salvador, Bahia. Paper apresentado no painel Reconnecting with Poverty in Latin America, no **XXVIII Congresso da Latin American Studies Association**, Rio de Janeiro.

GRANOVETTER, Mark S. The Strength of weak ties. In: **The American Journal of Sociology**, vol. 78, n. 6. Cambridge University Press 1973.

HANNERZ, Ulf. Conclusion: The Construction of Cities and Urban Lives. In: \_\_. Exporing the City. New York: Columbia University Press, 1980.

HITA, Maria G.. From resistance avenue to the plaza of decisions: new urban actors in Salvador, Bahia”. In: GLEDHILL, J. e SCHELL. P. (eds.). In: **Rethinking Histories of Resistance in Brazil and Mexico**. Durham: Duke University Press, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo demográfico 2010**.

MAGNANI, Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, no.49. São Paulo: June, 2002.

MITCHELL, J.Clyde. The Concept and Use of Social Networks. In: \_\_. **Social networks in Urban Situations**: Analyses of personal relationships in Central African towns. Manchester: University of Manchester, 1969.

PAIM, Jairnilson Silva. Condições de Vida, Violências e Extermínio. In: CARVALHO, Inaiá Maria Moreira, PEREIRA, Gilberto Corso. **Como Anda**

**Salvador e sua Região Metropolitana.** Salvador; Edufba, 2008, 180 p.:grafs e mapas.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa **da Violência 2013**: mortes matadas por arma de fogo. CEBELA, 2013, 55 p: grafs.